



## O Estado no pensamento crítico brasileiro do século XX

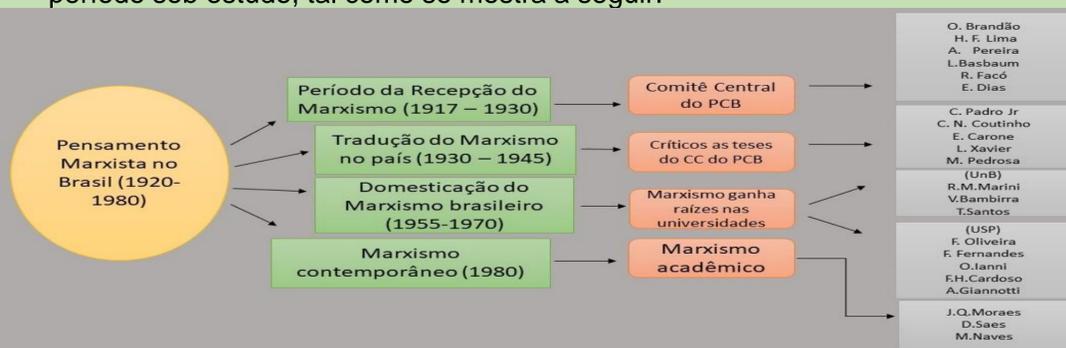
Luís Gustavo Dutra Barcelos (BIC-UFRGS)  
Prof. Leonardo Granato (Orientador)

### Introdução

- Existe uma vasta literatura internacional que problematiza a noção de Estado moderno, particularmente de cunho marxista, nas formações sociais imperialistas (CARNOY, 1988). Constatando-se que vários dos debates da corrente marxista, que tiveram lugar na Europa após a década de 60, reverberaram entre os intelectuais latino-americanos, o presente trabalho visa a investigar as contribuições do pensamento crítico brasileiro, no período 1930-1980, à discussão do conceito de Estado nas formações sociais dependentes.
- Busca-se verificar, desse modo, através de uma pesquisa bibliográfica, os esforços dos intelectuais brasileiros, do período sob estudo, em elaborar conceitos, reflexões e interpretações próprias sobre a noção de Estado, evitando-se a mera transferência automática dos conceitos da teoria materialista do Estado nas formações sociais imperialistas.
- O que interessa aqui, portanto, é a literatura que “pensa” sobre o Estado enquanto centro de exercício do poder político nas formações sociais periféricas, e na brasileira em particular.

### Sobre a pesquisa

- A partir do estudo de Pericás e Secco (2008), foram mapeados, inicialmente, os intelectuais que fizeram parte do chamado “Pensamento Marxista Brasileiro”, no período sob estudo, tal como se mostra a seguir:



Fonte: Elaboração própria com base em Pereira (2016) e Netto (2012).

- Durante a pesquisa verificou-se que foram raras as obras dos intelectuais em destaque destinadas a refletir especificamente sobre a noção de Estado. Feita tal constatação, buscou-se pesquisar, também, o conceito de Estado aparecido em obras que discutiram outras questões relativas à formação social brasileira, tais como desenvolvimento, nação, sociedade e economia.
- Através da pesquisa, observou-se que:
- Durante o período da “recepção” do marxismo no Brasil, ao destacarmos a obra “Agrarismo e Industrialismo: Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil” (1926) de Brandão, vemos a compreensão do Estado como um instrumento a serviço da oligarquia dominante, no caso, os fazendeiros de café que dominariam o aparelho do Estado ao seu favor. Na sua concepção, assim como dos outros dirigentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) na época, seguindo o etapismo stalinista, reproduzia a concepção que o atraso do capitalismo no Brasil faria com que os comunistas se aliassem a pequena burguesia para promover uma revolução “democrática-burguesa” a fim de desenvolver o Estado burguês no país.
- Já na etapa conhecida como de “tradução” do marxismo (1930-1945), os intelectuais do período, ao questionarem o etapismo do PCB, com exceção da obra “Formação da sociedade brasileira” (1944) de Sodré, que continuou defendendo as teses do PCB, passaram a ser mais fiéis aos argumentos marxistas científicos em suas obras.

- Vai ser Prado Jr. o autor do período que mais influenciou a geração que rompeu com as teses “etapistas”. A exemplo dos argumentos presentes na obra “A Revolução Brasileira” (1966), o intelectual compreendeu que pelo capitalismo já maduro no país, o Estado já seria burguês e dessa forma representando os interesses históricos do imperialismo associado à burguesia nacional.
- Foi no período da “domesticação” do marxismo no país (1955-1970) quando o materialismo histórico dialético ganhou raízes nas universidades, e passou a ser mais discutido o conceito de Estado. Pesquisadores da UnB dissertaram sobre o Estado principalmente nas obras “Socialismo ou Fascismo: O novo caráter da dependência e do dilema latino-americano” (1973) de Dos Santos, “Teoria Marxista da Transição e a Prática Socialista” (1981) de Bambirra e “Subdesenvolvimento e Revolução” (1969) de Marini. Estes autores, além de manterem a base leninista sobre o objeto em questão, passaram a incorporar conceitos desenvolvidos por Poulantzas na França, tais como a autonomia relativa do Estado capitalista em relação às classes dominantes, bloco no poder, o papel do Estado de desorganização das classes dominadas, dentre outros.
- No mesmo período também ganharam destaque as elaborações dos intelectuais da USP, principalmente através das contribuições “A Revolução Burguesa no Brasil” (1974) de Fernandes, e “A economia brasileira: crítica à razão dualista” (1972) de Oliveira, pois na compreensão dessas obras o Estado brasileiro, à serviço da burguesia, foi transformado no eixo político da recomposição do poder econômico, social e político .
- Nas décadas de 1960 e 1980, ganham destaque as conclusões dos intelectuais que fizeram parte do Seminário d’O Capital (1958-1964) (SILVA, 2003). Em “Estado e capitalismo: estrutura social e industrialização no Brasil” (1965), Ianni defendeu que o Estado no Brasil seria um instrumento de dominação do capital imperialista, ao passo que em obras como “O Modelo Político Brasileiro” (1972) e “Autoritarismo e Democratização” (1975), Cardoso, por ter entrado em contato com objetos próprios da tradição gramsciana, passa a compreender o Estado no capitalismo contemporâneo como um espaço privilegiado de disputa quanto à produção e à reprodução das ideologias, tal como discutido em Barcelos e Granato (2019).

### Conclusão

- A partir do estudado, pode-se já afirmar que a primeira geração dos que se reivindicavam marxistas no Brasil foi marcada pela teoria do “etapismo”, tese na qual o Estado brasileiro teria traços predominantemente “feudais”. A geração da “tradução” foi marcada, principalmente, pela superação do entendimento anterior ao afirmar que já existiria um capitalismo maduro no país, e, conseqüentemente, o Estado, numa visão instrumentalista, se apresentaria à serviço da manutenção desse sistema. Já a terceira geração, a da “domesticação”, foi quando o marxismo brasileiro mais refletiu ao calor dos debates europeus sobre o Estado das décadas de 60/70, ora influenciado pela tradição de Gramsci, ora influenciado pelas contribuições de Althusser e Poulantzas. O referido período foi, em definitivo, que produziu tentativas mais elaboradas para uma reflexão autóctone sobre o Estado nas formações sociais dependentes.

### Referências

- BARCELOS, Luís G. D.; GRANATO, Leonardo. Discutindo o Estado: As contribuições de Cardoso e Ianni ao debate do marxismo acadêmico (1960-1980). In: Congresso Internacional Pensamento e Pesquisa sobre a América Latina, 1, 2019, São Paulo. Anais... São Paulo: CIPPAL-USP, 2019.
- CARNOY, Martin. Estado e Teoria Política. Campinas: Papyrus, 1988.
- NETTO, José Paulo. Nota sobre o marxismo na América Latina. Disponível em: <http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/07/O-marxismo-na-America-Latina-JPNetto.pdf>
- PEREIRA, Ailton Teodoro de Souza. As metamorfoses do marxismo no Brasil. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.
- PERICÁS, Luiz B.; SECCO, Lincoln F. Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados. São Paulo: Boitempo, 2014.
- SILVA, Luiz F. Pensamento social brasileiro: Marxismo acadêmico entre 1960 e 1980. São Paulo: Corações & Mentes, 2003.